Goodyear NEWS

Estafeta da Comunicação na Formação

Nº 7 | NOVEMBRO/DEZEMBRO 2011

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

Desenhos: Rui Aleixo

Quando Rezares...

O Milagre do Natal

D. António Couto
Bispo de Lamego

Lê-se em As portas da floresta, de Elie Wiesel, que quando o grande Rabbi Israel Baal Shem-Tov via a desgraça a ameaçar os judeus, costumava dirigir-se a um determinado lugar na floresta para meditar. Quando lá chegava, acendia uma luz e dizia uma oração apropriada; o milagre realizava-se e a desgraça afastava-se. Mais tarde, quando a desgraça voltava a ameaçar, o seu célebre discípulo, Magid de Mezeritch, dirigia-se para o mesmo lugar, na floresta, e dizia: «Senhor do universo, escuta! Não sei acender a luz, mas ainda sou capaz de dizer a oração». E o milagre realizava-se outra vez. Mais tarde ainda, Rabbi Moshe-Leib de Sassov, para salvar uma vez mais o seu povo, dirigia-se para a floresta e dizia: «Não sei acender a luz, não sei a oração, mas sei o lugar e isto será suficiente». Era suficiente, e o milagre voltava a realizar-se. Aconteceu depois vir a desgraça sobre Rabbi Israel de Rizhin. Este sentou-se na sua cadeira de braços, pôs a cabeça entre as mãos, e falou a Deus: «Já nem sequer sei encontrar o lugar na floresta. Tudo o que posso fazer é contar a história, e isto deve ser suficiente». E era suficiente.

A história de Elie Wiesel falava da realização fácil de um milagre que tinha a ver apenas com saber um lugar, acender uma luz, dizer uma oração. Mas falava também de como, pouco a pouco, de geração em geração, se foi perdendo sucessivamente a ciência de acender a luz, de dizer a oração, de saber o lugar, tendo ficado apenas a história que se contava. E o certo é que bastava contar a história para que o milagre se repetisse.

A história de Elie Wiesel pode aplicar-se ao nosso Natal. Todos fazemos uma festa em nossa casa, montamos um presépio ou colocamos uma árvore iluminada à janela ou no jardim, fazemos muitas compras, gastamos muito dinheiro, oferecemos e recebemos muitas prendas, e por toda a parte há mais música e luz. Mas, se já não sabíamos o lugar, nem acender a luz, nem dizer a oração, parece-me agora que uma parte significativa desta geração também já nem sequer sabe a história ou rapidamente a começa a esquecer.

Estaremos perante um grande empobrecimento cultural e espiritual se amanhã as crianças começarem a pensar que o Natal é só compras e prendas, e já nada souberem do menino nascido em Belém há 2000 anos e que veio realizar a maior revolução de que há memória no coração da humanidade. Se nós já não sabemos contar a história, haverá com certeza cada vez mais só compras, prendas, doces e sorrisos, e pais-natais nos hipermercados, mas o milagre não acontecerá. E Natal sem milagre, que Natal é?

Pais e mães, não vos limiteis a comprar, comprar, comprar. Contai a verdadeira história do Natal aos vossos filhos, para que haja milagre em vossas casas. Em vós e neles. Vereis que é tão fácil e muito mais bonito.

Editorial

A mudança é o que a humanidade tem de mais permanente.

Carlos Nobre
Castor inteligente

O ser humano só pode ser entendido se colocado no tempo. O ser humano não existe quedo ou interrompido no seu devir. O ser humano está constantemente em construção, de forma estrutural, crescente e contínua, ininterruptamente… Somos, cada um de nós, ontologicamente, ainda no ventre materno, quando criança, em adolescente ou jovem, quando adultos ou na velhice. E… no entanto não há um dia em que sejamos igual ao anterior ou ao seguinte. Somos! Simplesmente estamos em mudança! Permanentemente!

Sabemos que viver é conviver, isto é, viver com os demais. Em cada tempo. Por isso a humanidade desenvolve projectos comuns, incrementa instituições, faz mudanças de rumo, constrói o que será o futuro, numa palavra, faz a história. E também é por isso que a história não se repete, recria-se constantemente, continuamente!

Não é possível parar! Nós, a história, o universo! Tudo muda, sempre!

E, como é no tempo que nos situamos, "há um momento para tudo e um tempo para todo o propósito debaixo do céu:
Tempo de nascer, e tempo de morrer;
Tempo de plantar, e tempo de arrancar a planta.
Tempo de matar, e tempo de curar,
Tempo de destruir, e tempo de construir;
Tempo de chorar, e tempo de rir;
Tempo de gemer e tempo de bailar.
Tempo de atirar pedras, e tempo de recolher pedras;
Tempo de abraçar, e tempo de se separar.
Tempo de buscar, e tempo de perder;
Tempo de guardar, e tempo de jogar fora.
Tempo de rasgar, e tempo de costurar;
Tempo de calar e tempo de falar.
Tempo de amar, e tempo de odiar;
Tempo de guerra, e tempo de paz." (1)

Devo perguntar-me, então, que uso faço do tempo, deste pequeníssimo lapso de tempo que me é dado viver, e que normalmente dura cerca de uns brevíssimos 80 anos solares? Então como é? E "quisemos saber como estavas, se a vida tinha tomado bem conta de ti, ou se a vida teve medo e eras tu que a levavas refugiada em ti?" (2)

É que também há um tempo para comutar, um tempo para recomeçar, um tempo oportuno. "Muda de vida se tu não vives satisfeito, muda de vida, estás sempre a tempo de mudar. Muda de vida, não deves viver contrafeito. Muda de vida, se há vida em ti a latejar." (3)

E foi na plenitude dos tempos, no tempo adequado e favorável que Deus se fez homem, para que a humanidade pudesse mudar permanentemente a agulha da história e elegesse o amor como a única garantia de felicidade. Foi o primeiro Natal. Este foi a prenda, o presente de Deus à humanidade.

Assim, todos os filhos (de Deus), unidos no Filho, serão sempre senhores do tempo!

(1) Ecl 3,1-8
(2) in "Da próxima vez" – Luís Represas
(3) in "Muda de vida" – António Variações

Sentinela

I – Passamos a vida a avaliar

João Costa
Leopardo Guloso

No rol de coisas pouco simpáticas que, por vezes, se dizem sobre os portugueses é comum referir-se que "Portugal não tem uma cultura de avaliação" ou que "as pessoas fogem da avaliação." Também no sistema de formação do CNE, quando se entra no capítulo "Avaliação", aparecem dúvidas, histórias menos bonitas e até finais menos felizes. Tentarei mostrar aqui que estes equívocos sobre avaliação partem de uma má perceção do que está em causa em processos avaliativos.

Antes de entrarmos no nosso domínio – o da formação de adultos – apreciemos o que fazemos na tomada de uma decisão tão simples como decidir o que vamos vestir para um dia normal de trabalho. Para tomar esta decisão, temos de saber que roupa temos, como está o tempo, que tipo de dia de trabalho vamos ter, que impacto a nossa forma de vestir vai ter nas situações e nas pessoas com quem vamos interagir ao longo do dia. Poderá até acontecer chegarmos ao fim do dia e percebermos que, afinal, a escolha não foi a mais acertada ou que as condições que julgávamos que iam funcionar (como por exemplo o estado do tempo) nos traíram. Este é apenas um exemplo absolutamente prosaico de uma tomada de decisão. Note-se que todas estas considerações mais não são do que processos AVALIATIVOS. Avaliámos os meios que temos, as condições, o impacto e o sucesso de uma iniciativa precisa. E não houve qualquer drama!

Ao tomarmos consciência disto, podemos constatar que a avaliação é uma constante nos processos em que nos envolvemos. Então, se assim é, por que motivo há tantos engulhos em torno de processos avaliativos?

A confusão instala-se quando não há clareza nos objetivos do processo. Avaliar significa obter dados que permitam tomadas de decisão sobre um determinado processo. Assim, só vale a pena avaliar se eu tenho em vista uma intervenção sobre os dados iniciais.

Consideremos um formando num curso. A questão a que tenho de responder é: para que é que eu vou submeter o meu formando a um processo de avaliação? Vejamos algumas respostas falaciosas:

a. Avalio o formando porque os cursos contemplam processos avaliativos – esta é uma resposta circular sem qualquer razão de ser. Posso conceber ações de formação com caráter de divulgação, em que não espero ter qualquer intervenção sobre os dados iniciais. Num caso destes, em que o meu objetivo é que os formandos contactem preliminarmente com alguma informação, a avaliação pode ser irrelevante.
b. Avalio o formando para o qualificar – de novo, estamos perante uma "não razão". A qualificação, traduzível ou não numa classificação, é uma consequência do processo avaliativo, mas não é a razão de ser do processo avaliativo. Eu posso conceber sistemas de certificação/qualificação que não envolvem um processo avaliativo. Por exemplo, um sistema estritamente presencial pode conduzir a uma emissão de um certificado. Vê-se assim que a avaliação de formandos não é, necessariamente, um pré-requisito para a qualificação.

Quer num caso, quer no outro estaríamos perante o estrito cumprimento de preceitos burocráticos que não trazem qualquer benefício claro para a formação e que, mais grave, afastam as pessoas da avaliação. Se a avaliação for centrada nas vertentes burocrática e resultativa, começa-se a confundir o conceito de avaliação com o conceito de classificação. E aqui começam os problemas… Entendem-se algumas reações menos positivas à avaliação, porque, desde o início do processo, o formando (e o formador) estão centrados na classificação final e não no conjunto das etapas da avaliação.

O CNE é um contexto em que a classificação é muito pouco interessante. Qual é o objetivo primeiro e último da nossa formação? Apetrechar os adultos de instrumentos que permitam melhorar o seu desempenho junto da comunidade local em que atuam.

Neste sentido, é preciso desdramatizar e "descomplicar" a avaliação. A avaliação tem de ser encarada como um processo de recolha e observação de dados que permite uma melhoria nas práticas educativas. Tal como quem decide se a roupa que levou na semana passada é adequada de novo, o nosso dirigente tem de ser ajudado a decidir se o jogo que funcionou na última Aventura é adequado de novo. Este processo de ajuda não é mais do que um simples – mas muito eficiente – processo de avaliação.

Enforma

A rã Lara

Carlos Nobre
Castor Inteligente

O dia de Sábado tinha sido de intenso trabalho. O programa do Enforma estava a ser cumprido. Chegou a hora de jantar e de seguida o espaço de animação que a Dirigente Teresa Martins tinha preparado, inspirada no livro "As rãs que pensavam que eram peixes" de Cristiano Ghibaudo. Já na cave, foi-nos proposto fazer uma viagem, acompanhando a rã Lara e onde também nos envolvemos, recreando e encenando as diversas incidências das sucessivas experiências que fazia. Como todas as histórias começou com um: "Era uma vez…"

Sim, era uma vez… um charco! Um charco cheio de vida… e de rãs. O charco era como que uma grande cidade e chamava-se "charco tranquilo". Nele viviam muitas, muitas, mesmo muitas rãs. Como em qualquer sociedade, as rãs estavam organizadas em classes e funções, de acordo com diversas diferenciações e interesses. Uma dessas rãs, chamada Lara, desejava ousar, experimentar coisas novas, descobrir e descobrir-se mais e melhor.

Lara estava curiosa com o que um pardal amigo lhe contava acerca de tudo o que ficava fora do seu mundo. Um dia decidiu sair do lago, e…
… Quantas aventuras e quanto desconhecido! Quanto conhecimento e quanta descoberta! Quantos encontros e quantas decisões! Ahhh! E os desafios? E os desejos? E os "nãos"? E a desilusão? E a dor? E a amizade? E… o "grande lago salgado"?

Mas, a história de Lara, verdadeiramente, só pode ser contada perscrutando a sua própria interioridade. Estás pronto para a ouvir? Senta-te e escuta. Vamos lá, então! Era uma vez um "charco tranquilo"…

Não! Desculpa, pensei melhor. Não te vou contar a história. Prefiro que sejas tu mesmo também a iniciar essa viagem que te levará a ultrapassar as fronteiras das tuas limitações e a não renunciar aos teus sonhos, aconteça o que acontecer.

Depois, deixamos que a noite nos envolvesse ainda mais, e rumamos à Capelinha das Aparições, onde tivemos um momento de interioridade e de encontro com Deus. Depois… veio outro dia.

As Pedras

Fernando Andrade
Lobo malhado

"E vós mesmos, como pedras vivas, entrai na construção dum edifício espiritual,por meio de um sacerdócio santo, cujo fim é oferecer sacrifícios espirituais que serão agradáveis a Deus, por Jesus Cristo."
1 Pe 2,5

Com uma pedrinha no bolso, cada um de nós, formador do CNE, que aceitou o convite de juntar a sua pedrinha num castelo, um castelo com nome - Formação do CNE - apresentou-se com expectativa em Fátima, nos dias 22 e 23 de Outubro de 2011.

A verdade deve ser dita: chegámos a Fátima cada um com o peso da sua pedra; porventura alguns com pedras no sapato, outros com pedras de arremesso, outros ainda com pedras bem ornamentadas, e outros com pedras apenas porque são bem-mandados e ainda não sabiam bem o que fazer com ela.

E as pedras começaram a juntar-se na parede do castelo.

Afinal o basalto, o quartzo, o granito, a argila, o quartzito…, e outros com nomes esquisitos, têm uma mensagem implícita para quem as souber ler e perceber.

Ora juntando ora separando pedras, sempre com o sentido da construção, podemos dizer que estiveram presentes umas verdadeiras pedras orgânicas, pedras vivas, daquelas que solidificam as verdadeiras construções, os castelos de sonho, mas também da realidade presente e futura, no devaneio, na crença de um CNE mais sólido e melhor.

Convenhamos que a arte dos pedreiros não é fácil, mas a vontade comanda tudo.

Pedras no caminho?
Guardo todas,
Um dia vou construir um castelo…

CDF

José Carlos Pinheiro
Mocho Peregrino

Depois de uma noite retemperante e após a necessária reflexão da Palavra de Deus, os Directores de Formação sentaram-se à volta do tema "CDF – Curso de Directores de Formação".

Sob a orientação do Dirigente João Costa, começamos por ouvir a sua exposição que lançou o tema e nos propôs reflectir sobre:

O que se pretende que seja o CDF?
Para que vai servir?
Quais os conteúdos que deve ter?
Que Formamos quando Formamos Directores de Formação?

Para facilitar e enriquecer a reflexão trabalhámos em grupos heterogéneos. Foram diversas as sugestões e conclusões deste trabalho.
Ficaram, claramente, lançadas pistas para a concepção do CDF!...

...porque não fui?

Matilde Santos
Mocho Paciente

Mais um Enforma.
E mais uma vez eu não fui.

Não fui porque não me interesso?
Tenho de rever o meu conceito de participação e dever.

Não fui porque tive outros afazeres?
Tenho de reflectir sobre os meus compromissos.

Não fui porque é sempre a mesma coisa?
Tenho de repensar o meu contributo para ajudar a mudar as coisas.

Não fui porque não me quero comprometer?
Tenho de relembrar a missão a que me comprometi.

Não fui porque se torna dispendiosa a participação?
Tenho de ajudar os promotores do Enforma a compreenderem esta situação.

Não fui porque prefiro estar com os Escuteiros?
Tenho de discernir em que posso melhor servir o CNE.

Não fui porque não concordo com as ideias que lá se discutem?
Tenho de saber participar na discussão e fundamentar as minhas ideias.

Não fui porque não gosto de algumas pessoas?
Tenho de aprender a discutir ideias e a respeitar as pessoas.

Não fui porque não foi mesmo possível ir?
Espero poder estar presente da próxima vez.

Não fui porque…?
Só eu sei a resposta, à qual não me posso furtar.

Vou ousar questionar?
Vou arriscar responder?

assinado Formador

Workshop "Espiritualidade e Formação"

Joana Teixeira
Ouriço observador

Quando o tema é a Espiritualidade ou a Animação da Fé, como lhe queiram chamar, os curiosos são sempre alguns. Desta feita, nem muitos, nem poucos, os suficientes para uma interessante e amena conversa, que fez passar a voar os cinquenta minutos previstos para o encontro. Aliás, após uma breve apresentação dos participantes, foi por aí mesmo que o Padre Rui Silva, o Animador do Workshop, lançou o mote para a partilha: dizemos Animação da Fé, mas, afinal, não é a Fé que nos anima? Ou, na realidade, precisa de ser animada? E se disséssemos antes, Animação *pela* Fé? Por outras palavras, sempre tão complicadas de escolher neste contexto, o que está em causa é, afinal, a *Animação Espiritual,* encarada como a integração da *Dimensão Espiritual,* de forma real e concreta, na Formação no Escutismo. Estávamos todos de acordo, à volta da mesa.

Mas, afinal, o que é isto da Espiritualidade? Para ajudar a clarificar as ideias, nada melhor que algumas definições, sugeriu o Pe. Rui Silva. Vejamos, em hebraico, "ruah", remete-nos para *ar, vento, sopro, respiração.* De fato, logo nos primeiros textos bíblicos, encontramos passagens, tais como: *"o espírito de Deus pairava sobre as águas"* e *"Deus soprou e inspirou-lhe pelas narinas".* Mais tarde, a tradução dos textos sagrados para grego, conduz-nos ao "pneuma", que nos sugere ainda *ar, vento.* A tradução para latim faz surgir os termos "anima" e "spiritus", para significados como *ar, vento, alma, respiração, brisa*… estava lançada a confusão: Alma vs Espírito?!
Continuando este percurso das definições, qualquer vulgar dicionário diz-nos o seguinte a propósito de *Espiritual:* natureza do espírito, do espírito ou relativo a ele, próprio da religião (intemporal), alegórico, místico, devoto, incorpóreo. Uma outra definição, que podemos ler em 1Te 5,23, é, por demais, esclarecedora:
"O Homem é uma unidade, embora formado por corpo, alma e espírito."

Em diálogo constante, animador e participantes foram, assim, dando passos de compreensão e entendimento destas temáticas nem sempre fáceis. Em jeito de resumo do que havia sido conversado até aí, foi apresentada ao grupo uma citação do Pe Luís Rocha e Melo, s.j., cuja obra inteira, aliás, foi aconselhada a ler:
"Espiritual é o que é relativo ao Espírito Santo. A Vida Espiritual é a participação progressiva na vida divina, a par da nossa incorporação em Cristo e no Seu Corpo."

(in " O vento sopra onde quer ", pg. 72)

O momento seguinte do encontro, tentou responder à seguinte questão, decorrente da citação anterior: Como progredir na participação divina: na vida em geral, no Escutismo e na Formação? Em resposta ao desafio, os participantes foram dando sugestões concretas de integração da Espiritualidade nas diversas vivências do Adulto, no Escutismo e não só.

Na **Vida em Geral,** a Espiritualidade pode estar presente através da Oração; da vivência dos Sacramentos; na prática da Caridade; nas acções, postura e testemunho nos mais diversos contextos; no falar de Deus e da Igreja a outros; na vida em Comunidade (paróquia, movimentos)…
No **Escutismo,** a Lei e os Princípios, a Promessa, as Vigílias, a Mística e a Simbologia, as Actividades, a Boa Ação, o Serviço,… devem estar imbuídos de Espiritualidade, quer a nível pessoal, quer comunitário, foi realçado.
Na **Formação de Adultos no CNE,** foram sugeridas (mais) Unidades/Encontros de Formação dedicados a este tema específico, pois as dúvidas são sempre mais que muitas. Refletiu-se também sobre o cuidado a ter com a escolha do respetivo Formador/Animador, o que conduziu a outra questão fundamental: deverá este tema e temas afins serem da exclusiva responsabilidade dos Assistentes? Alguns participantes testemunharam terem sentido algumas dificuldades na orientação de, por exemplo, Celebrações da Palavra junto de escuteiros. Falta de preparação e "à-vontade", foi referido. As sugestões continuaram: Eucaristias devidamente preparadas, Celebrações da Palavra, Orações com sentido, o ambiente geral dos encontros de Formação, e (porque não?!) uma *Biblioteca Espiritual* para que todos possamos enriquecer as dinâmicas de Espiritualidade junto dos nossos escuteiros e, já agora, procurar/encontrar as respostas para algumas das nossas perguntas.

Terminando com humor, os (imensos) livros colocados sobre a mesa em jeito de desafio a uma Biblioteca Espiritual eram… bem fininhos!!! Boas leituras, então!

Exemplos que funcionam
Competências Pessoais

Pedro Ascento
Panda Astuto

ENQUADRAMENTO

No Escutismo, os Adultos não são um fim, mas sim um meio para chegar à finalidade que é o contributo para a educação integral das Crianças e Jovens que nele se envolvem ou são envolvidos.
No entanto, no Escutismo, como em qualquer relação educativa, não é possível desenvolver o crescimento de Pessoas desde jovens, sem o envolvimento de Adultos que lhes sirvam de referencial, de apoio, de estímulo e de transmissão de conhecimentos e valores.
O CNE, como associação deste movimento escutista, sente a responsabilidade e a necessidade de apoiar os Adultos comprometidos e envolvidos, apoiando-os em diferentes áreas. Esse apoio pode ser sintetizado no seguinte esquema:

Este apoio visa cobrir os passos que os Adultos são conduzidos a percorrer no seu compromisso com a nossa associação. Podem-se sistematizar conforme o esquema seguinte:

O apoio necessário nestes diferentes passos da vida do Adulto na Associação passa pelo uso de critérios de análise fiáveis e consequentes. Quer para um exercício de recrutamento, de avaliação, de formação, de animação ou de gestão dos adultos, torna-se imprescindível definir um perfil de Adulto alvo para cada cargo e/ou funções a desempenhar.
O perfil pessoal de cada Adulto envolvido ou a envolver, confrontado com esse perfil alvo dar-nos-á um diferencial mensurável que permite um apoio a decisões de forma objectiva e segura.

Entre vários itens de especificação de perfis de adultos, constam incontornavelmente as COMPETÊNCIAS.

FORMAÇÃO SISTEMA DE COMPETÊNCIAS

Foi nos passados dias 16 e 17 de Julho de 2011, que decorreu uma formação na sede nacional sobre um sistema de competências, que está recentemente em vigor na associação holandesa Scouting Nederland, e que foi concebido milimetricamente para poder ir ao encontro das suas necessidades, mantendo um nível de acessibilidade que o permite ser usado por todos na associação.
O sistema de competências preconizado é dividido em 8 grandes capítulos e cada um deles em sub-capítulos. São definidos 6 níveis de desempenho em cada um destes sub-capítulos, sendo que o primeiro é o mais baixo e o último o mais alto. Podemos, assim, especificar um determinado nível se estivermos a construir um perfil alvo ou podemos situar-nos (ou situar alguém) no nível adequado.

Apresentam-se, de seguida, estes capítulos e sub-capítulos (ressalvando eventuais desvios na tradução).

Capítulos	Sub-capítulos	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6
Intelectual e desenvolvimento	Escolaridade						
	Indicador de Desenvolvimento						
Capacidade de Síntese / Análise	Interesse Geral						
	Capacidade de Análise						
Interação e Comunicação	Nível de Expressão						
	Trabalho em Equipa						
	Capacidade de Influenciar						
	Partilha de Informação						
Planeamento e Organização	Resolução de Problemas						
	Capacidade de decisão						
Eficácia	Grau de decisão						
	Iniciativa e encorajamento						
	Liderança						
	Eficácia na Colaboração						
	Focalização e Precisão						
	Perseverança						
Colaboração com organizações	Integridade						
	Adaptação						
	Consciência organizacional						
	Compreensão						
	Focalização no destinatário e nas tarefas						
Desenvolvimento Pessoal	Focalização no desenvolvimento						
	Tutoria						
	Persuasão						
Empreendedorismo e gestão de risco	Capacidade empreendedora						
	Trabalho sistemático						
	Trabalho em segurança						
	Trabalho sob pressão						
	Autonomia						

Poder-se-á dizer que a situação nos diferentes 6 níveis pode ser subjectiva. É verdade que, no preenchimento desta grelha de análise, esta poderá ser a principal dificuldade, para que possamos chegar a um resultado preciso e ajustado à realidade. Por isso, em cada nível de cada subcapítulo, são indicados descritivos, bem como exemplos de ajustamento do nível e comportamentos tipo.
A título exemplificativo descrevem-se os níveis num desses sub-capítulos:

Capítulo: Capacidade de Síntese / Análise
Sub-capítulo: Capacidade de Análise

Exemplos que funcionam

	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6
Descrição	Pessoa interessada que distingue entre assuntos prioritários e acessórios, baseado na informação disponibilizada, concebendo soluções simples.	Pessoa interessada que reúne, classifica e estrutura informação, distinguindo entre assuntos prioritários e acessórios, baseado na informação disponibilizada, concebendo soluções simples.	Pessoa interessada que reúne, classifica e estrutura informação, distinguindo entre assuntos prioritários e acessórios, baseado na informação disponibilizada, concebendo soluções simples.	Pessoa interessada que analisa informação recolhida por si. Faz suposições e examina-as, examinando posteriormente conclusões, colocando-as num padrão lógico para dedução. Formula soluções possíveis.	Pessoa interessada que consegue analisar baseada em pesquisa de critérios quantitativos e qualitativos. Essa análise conduz a cenários de desenvolvimento. Esses cenários são consistentes com uma análise de viabilidade, tendo em consideração restrições (recursos, tempo), e análise de riscos.	Pessoa interessada consegue analisar baseada em pesquisa de critérios quantitativos e qualitativos. Essa análise conduz a cenários de desenvolvimento. Esses cenários são consistentes com uma análise de viabilidade, tendo em consideração restrições (recursos, tempo), e análise de riscos. Nestes cenários, o impacto social esperado (incluindo sustentabilidade e inter-relações) são tidos em conta. Além disso os cenários são revistos e testados para prever os seus impactos e exequibilidade (na organização, inter-relações, sociedade, etc...).
Exemplos		Atribuição; Regras de jogo.	Cenários de actividades; Planos de implementação; Planos periódicos; Regras de jogos; Planeamento logístico.	Planos e programação de desenvolvimento; Criação de sub-planos operacionais.	Coerência nos sistemas de desenvolvimento e mudanças de programa em grandes projectos; Estudo de impacto dos cenários na eficácia da organização; Cadeia de relações nas organizações; Concepção de projectos complexos; Concepções de larga escala e envolvimento em sistemas ou actividades nacionais; Mudanças de programas complexos ou de grande dimensão;	Coerência nos sistemas de múltiplas variáveis (redes complexas e grandes organizações); Desenvolvimento da associação; Definição de Políticas de âmbito vasto.
Comportamento		Reúne cuidadosamente a informação e revê a qualidade da mesma; Faz analogias importantes; Propõe soluções concretas.	Reúne cuidadosamente a informação e revê a qualidade da mesma; Faz analogias importantes; Propõe soluções concretas.	Reúne cuidadosamente a informação e revê a qualidade da mesma; Aplica princípios de classificação.	Reúne cuidadosamente a informação e revê a qualidade da mesma; Aplica a análise qualitativa e quantitativa verificável; Está consciente da implicação do seu estado de espírito, filtrando-o.	Reúne cuidadosamente a informação e revê a qualidade da mesma; Revê metodologias quantitativas e qualitativas, usadas; Aplica sistemas e processos de melhoria em cadeia; Está consciente da implicação do seu estado de espírito, filtrando-o.

Exemplos que funcionam

Após o preenchimento destas tabelas, poder-se-á recorrer a uma visualização em gráfico, por exemplo, tipo "radar". Dessa forma podemos imediatamente percepcionar os desvios ao padrão perfil alvo.
Apresenta-se, de seguida, um exemplo meramente ilustrativo:

Nº	Sub-capítulos
1	Escolaridade
2	Indicador de Desenvolvimento
3	Interesse Geral
4	Capacidade de Análise
5	Nível de Expressão
6	Trabalho em Equipa
7	Capacidade de Influenciar
8	Partilha de Informação
9	Resolução de Problemas
10	Capacidade de decisão
11	Grau de decisão
12	Iniciativa e encorajamento
13	Liderança
14	Eficácia na Colaboração
15	Focalização e Precisão
16	Perseverança
17	Integridade
18	Adaptação
19	Consciência organizacional
20	Compreensão
21	Focalização no destinatário e nas tarefas
22	Focalização no desenvolvimento
23	Tutoria
24	Persuasão
25	Capacidade empreendedora
26	Trabalho sistemático
27	Trabalho em segurança
28	Trabalho sob pressão
29	Autonomia

Esta formação, na qual tivemos a oportunidade de participar, foi extremamente enriquecedora, pois abriu-nos novas pistas para podermos mais eficazmente responder a uma necessidade urgente na nossa associação que é a criação de ferramentas que objectivem e sistematizem os níveis de resposta da colaboração dos Adultos.
É uma ferramenta que, obviamente, necessita ser adaptada à realidade da nossa associação, mas que revela qualidades indiscutíveis: a simplicidade, a objectividade, a abrangência de aplicação, a possível universalidade, a comparabilidade.

Mãos à obra e Boa Caça

Agenda

Planos Regionais de Formação para o ano escutista 2011 / 2012

Região BRAGANÇA

CIP
Janeiro a Abril
a designar

CAP I
Janeiro a Maio
a designar

CAP II
Janeiro a Maio
a designar

Região PORTALEGRE e CASTELO BRANCO

CI
19 Novembro
Seminário S. José Alcains

CIP
14/15 Janeiro
11/12 Fevereiro
10/11 Março
14/15 Abril
Seminário S. José Alcains

CAL
(curso inter-regional PCB - Santarém - Leiria)
03/04 Dezembro
28/29 Janeiro
17/18 Março
Fátima

Região LISBOA

Núcleo Moinhos de Vento

CI
03 Março

CIP
22/23 Outubro
26/27 Novembro
14/15 Janeiro
11/12 Fevereiro

Núcleo do Oeste

CI
03 Março

CIP
04 Outubro
05/06 Novembro
21/22 Janeiro
10/11 Março
05/06 Maio

Núcleo da Barra

CI
17 Março

CIP
22/23 Outubro
05/06 Novembro
03/04 Dezembro
07/08 Janeiro
04/05 Fevereiro

Núcleo Solarius

CIP
05 Novembro
03/04 Dezembro
07/08 Janeiro
28/29 Janeiro
24/25 Março

Núcleo Lisboa Ocidental

CIP
16 Outubro
05/06 Novembro
26/27 Novembro
10/11 Dezembro
17/18 Março

Núcleo Oriental de Lisboa

CIP
07/08 Outubro
12/13 Novembro
03/04 Dezembro
07/08 Janeiro
04/05 Fevereiro

CAP I CAP II CAP III CAP IV CAL

02/04 Março
23/24 Março
27/29 Abril
15/17 Junho
07/09 Setembro

GAF

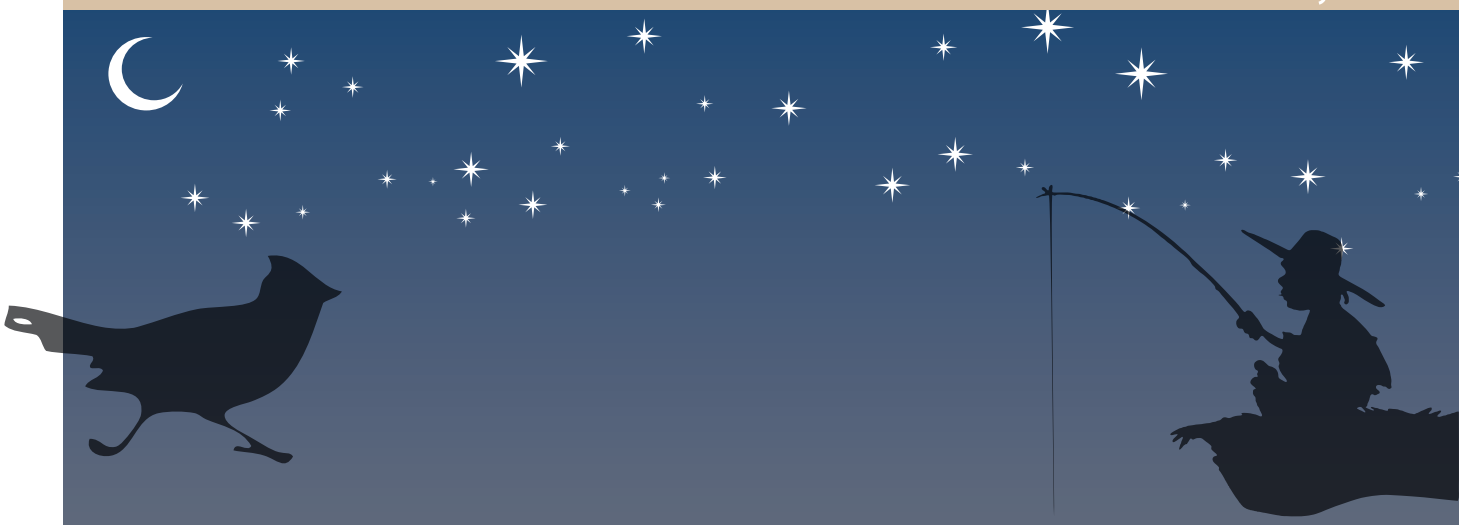
02/04 Março
23/24 Março
27/29 Abril

Núcleo Serra da Lua

CIP
05 Novembro
26/27 Novembro
14/15 Janeiro
11/12 Fevereiro
17/18 Março

Implementação do Programa Educativo

07/08 Janeiro	Colégio Salesiano
21/22 Janeiro	Núcleo da Barra
25/26 Fevereiro	Centro Escutista do Oeste



Naquele tempo…

Nó cabeça de cotovia ou nó de pescador

Outra forma de falar de voluntariado ou de escutismo

Matilde Santos
Mocho paciente

O "fazer" de um escuteiro passa forçosamente pela vida em campo. Rica e tão diversa, permite falar dessa vida e da outra. Exemplo disso é o pioneirismo. Com esta arte constroem-se tantas estruturas – mesas, pontes, altares, pórticos, cozinhas, torres, entre outras - que promovem o encontro das pessoas, o trabalho em conjunto, a entreajuda e cooperação, a criatividade e a solidariedade. Arte que sai potenciada e se torna potenciadora quando o adulto define a sua presença e acção no escutismo pela intencionalidade educativa.

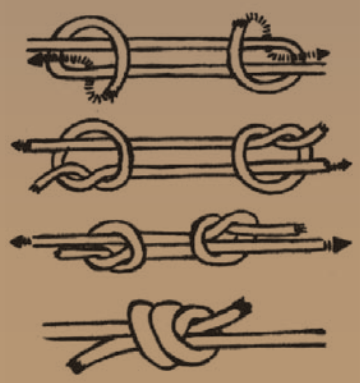
Se entrarmos dentro do que são estas estruturas chegámos aos elementos básicos das diversas construções: nós e ligações. Pequenos "nadas" que fazem a diferença. Tomemos o nó cabeça de cotovia, também conhecido por nó de pescador. Este nó é utilizado para unir cordas de bitolas iguais ou próximas, sendo muito finas ou estando molhadas ou escorregadias; ou ainda para unir cordas que sofram violentas sacudidelas. É de fácil execução: colocam-se as cordas a unir lado a lado, em linha recta, de modo a que o chicote livre de cada uma delas possa dar um nó simples à volta da outra corda. Depois puxam-se as duas cordas e os nós apertam-se um no outro, ficando lado a lado.
Se quisermos que este nó fique ainda mais seguro, faz-se da mesma forma, mas dando duas voltas em torno da outra corda com os chicotes, fazendo assim o nó cabeça de cotovia dobrado.

Não é objectivo deste artigo explicar como se faz este nó ou outro. Assim como não é objectivo do escuteiro simplesmente ser capaz de executar nós e ligações. Até onde nos pode levar um simples nó?

O nó cabeça de cotovia permite-nos penetrar na reflexão sobre o voluntariado, se o entendermos naquilo que ele é, antes de mais: encontro, lado a lado, de dois seres, quer seja de forma directa e tangível, quer seja através de uma acção intermediária, individualmente insuficientes para se realizarem enquanto pessoa, e que neste encontro reforçam a sua identidade e a dignidade do outro. Lado a lado… não acima ou abaixo, nem à frente ou atrás, mas lado a lado. Na certeza de que o que os diferencia não é a sua realidade ontológica, mas o resultado das voltas da vida, muitas vezes dadas em torno do inconsistente e do insustentável. Lado a lado, em linha recta, remetendo-nos para os primeiros artigos da lei do escuta e para essa verticalidade que marca, de forma indelével, as relações humanas. E tal como o chicote que dá a volta – o chicote livre – este amarrar e amarrar-se e deixar-se amarrar acontece no pleno da liberdade que experimentámos na nossa promessa. Liberdade que dá nós mas simples, que não imobilizam ou sufocam o outro. Antes o despertam para essa liberdade cúmplice de quem precisa um do outro, em necessidades diferentes, mas em iguais doses de humanidade. E o resultado é esse apertar, não um ao outro, mas um no outro, tornando realidade o que parecia impossível: unir cordas escorregadias ou molhadas, abrindo novas possibilidades de vida, de vida com sentido.

Não sei, mas quase apostaria que a manjedoura em que foi reclinado o Menino, era feita deste e de outros nós. Pois só assim foi possível que o nó libertador da cruz acontecesse. São estes nós, que também se podem chamar caridade, que verdadeiramente fazem acontecer o Natal: o Deus connosco nos outros.

O "fazer" de um escuteiro passa forçosamente pela vida em campo, mas não pode ficar por aí. O "fazer" de um escuteiro passa mesmo pelo educar para a vida.



Excertos...

Fernando Andrade
Lobo malhado

Voltemos, pois, ao evangelho, ao Jesus autêntico. A nossa crítica principal a esta ideia secular e utópica do reino foi esta: Deus desapareceu. Não serve para nada ou até estorva. Mas Jesus anunciou o reino de Deus, não um reino qualquer. É verdade que Mateus fala de «reino dos céus», mas aqui o termo «céu» é o equivalente da palavra «Deus» que o judaísmo, por respeito ao mistério de Deus, em geral evitava para não infringir o segundo mandamento. Por isso, com a expressão «reino dos céus», não se anuncia algo que se encontra apenas no além, mas fala-se de Deus, que está presente tanto cá em baixo como lá em cima, que transcende infinitamente o nosso mundo, mas que Se encontra também em todo o seu íntimo.

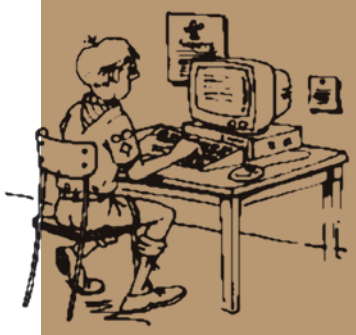
Há que recordar ainda outra observação linguística importante: a raiz hebraica *malkut* «é um *nomen actionis* e significa – tal como a palavra grega *basiléia* – o exercício da soberania, o domínio (próprio do rei)» (Stuhlmacher I, p. 67). Não se fala, portanto, de um «reino» futuro ou ainda por instaurar, mas da soberania de Deus sobre o mundo, a qual agora, de um modo novo, se torna realidade na história.

Com palavras mais explícitas, podemos dizer: ao falar do reino de Deus, Jesus simplesmente anuncia Deus, o Deus vivo, que é capaz de agir concretamente no mundo e na história e agora mesmo está em acção. Diz-nos: Deus existe. E ainda: Deus é verdadeiramente Deus, quer dizer, tem nas suas mãos os cordelinhos do mundo. Neste sentido, a mensagem de Jesus é muito simples, é totalmente teocêntrica. O aspecto novo e exclusivo da sua mensagem consiste no facto de Ele nos dizer: Deus age agora; esta é a hora em que Deus, de uma forma que supera todas as modalidades anteriores, Se revela na história como o seu Senhor, como o Deus vivo. Portanto, a tradução «reino de Deus» é inadequada, seria melhor falar da soberania ou do domínio de Deus.

Despertou-te interesse este excerto?
De que livro terá sido retirado?
Aqui fica uma dica: o seu autor é (ou deve ser) uma referência para nós católicos.
No próximo número daremos a resposta.
Até lá, procura por ti mesmo!

Recursos
Formar - revista dos formadores

Olga Oliveira Cunha
Tigre persistente



Recebemos na Equipa Nacional dos Adultos, mais uma revista Formar, da responsabilidade do Instituto de Emprego e Formação Profissional. Com frequência trimestral, é de distribuição gratuita e destina-se a todos os Formadores.

No último número (76/77 – Julho a Dezembro 2011), existem diversos artigos relacionados com competências, mas neste breve apontamento salientamos dois: "O Diagnóstico de necessidades de competências" e "Artigos publicados ao longo de 2010", este de carácter mais informativo.

No artigo sobre diagnóstico de necessidades de competências são apresentados, para além do conceito de competência, as etapas de diagnóstico.
Numa altura em que estamos todos, como formadores, envolvidos no processo RSF, este pode ser um artigo promotor do debate. Para quem desejar o acesso ao artigo, bastará enviar-nos um mail.

"Contai a verdadeira história do Natal...
para que haja milagre em vossas casas."

Votos de Santo Natal e Bom Ano 2012
a todos os Formadores do CNE

Equipa Goodyear
Goodyear NEWS

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS
Escutismo Católico Português

Equipa Nacional dos Adultos

www.cne-escutismo.pt

Goodyear NEWS

Equipa Goodyear:
Carlos Nobre, Matilde Santos,
José Carlos Pinheiro, Fernando Andrade.
Design gráfico: Pedro Botelho

goodyear@cne-escutismo.pt

Colaboraram nesta edição:
Carlos Nobre (Região do Porto)
Fernando Andrade (Região do Porto)
Joana Teixeira (Região do Porto)
João Costa (Região de Setúbal)
José Carlos Pinheiro (Região do Porto)
Matilde Santos (Região do Porto)
Olga Cunha (Serviços Centrais)
Pedro Ascenso (Região de Leiria)